

A VIOLAÇÃO DO CORPO FEMININO NO DECAMERON (1348 -1353)¹

THE VIOLATION OF THE FEMALE BODY IN THE DECAMERAN (1348 -1353)

Alexandre Gomes Carvalho Santos Junior²

Resumo: Buscando compreender e analisar a necrofilia presente na idade média e assim obter respostas a respeito de como se via e entendia a mesma, o presente artigo pretende e busca, antes de mais nada, através da análise da obra literária de Geovanni Boccaccio –O Decamerão– e de outros estudos relacionados ao corpo, ao sexo e a sexualidade, trazer à tona o tema e o debate sobre a necrofilia –tema pouco explorado pela historiografia– e assim explanar a problemática relacionada ao abuso e violação do corpo feminino. Buscando respostas aos “porquês” que se fizeram relevantes ao longo da produção na busca por entendimento e explicação a respeito do tema e da história presentes na obra e na pesquisa.

Palavras-chave: Mulher; Idade Média; Necrofilia.

Resumen: Buscando comprender y analizar la necrofilia presente en la Edad Media y así obtener respuestas sobre cómo se veía y se entendía, este artículo pretende y busca, sobre todo, a través del análisis de la obra literaria de Geovanni Boccaccio –O Decamerão- y otros. Los estudios relacionados con el cuerpo, el sexo y la sexualidad, plantean el tema y debate sobre la necrofilia –un tema poco explorado por la historiografía– y así explican la problemática relacionada con el abuso y violación del cuerpo femenino. Buscar respuestas a los “porqués” que cobraron relevancia a lo largo de la producción en la búsqueda de comprensión y explicación sobre el tema y la historia presente en el trabajo y la investigación.

Palabras clave: Mujer; Edad Media; Necrofilia.

¹Este artigo faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pelo Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe (DHI-UFS), disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/16142>

² Mestrando no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (PROHIS-UFS), bolsista CAPES. E-mail: alexandrejunior208@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O Renascimento (XIV-XVI) caracterizado por comportar transformações bem evidentes na cultura, sociedade, economia, política e religião; principia em certa medida, uma maior liberdade em determinados âmbitos e aspectos sociais como o intelectual, por exemplo, onde se desenvolveu uma maior dedicação a argumentação e a lógica onde a especulação e o debate filosófico e intelectual encontraram um permanente pouso.

A literatura de Giovanni Boccaccio, O Decameron ou “Príncipe Galeotto” como também é conhecida, é produzida entre 1348-1353, sendo composta por dez capítulos e cem novelas, nas quais se aborda diferentes temáticas contadas pelos principais personagens e componentes da Brigata (Pampinea, Elissa, Emilia, Fiammetta, Neifile, Filomena, Lauretta, Dioneio, Panfilo e Filostrato), como o pecado, a astúcia, a virtude, a religião, a inteligência e outros temas tidos como louváveis para o período mas que também, em alguns casos, serviam para a boa e velha sátira.

Influenciada por outros autores como Dante Alighieri, autor de A Divina Comédia, e por Francesco Petrarca, ambos sendo predecessores de Boccaccio e dos quais o mesmo “bebe” um pouco, o que acaba moldando e/ou caracterizando sua lírica e narrativa, a obra em questão – O Decameron – também traz em sua essência além de um registro de época, ensinamentos e conselhos destinados às mulheres (algo predito em sua introdução pelo próprio autor) através de histórias de cunho comum ao seu período e região, utilizando de pessoas reais e também fictícias para então incrementá-las e narrá-las, sendo para muitos, a/ou umas das literaturas que rompem com a moral medieval, trazendo consigo o realismo e o erotismo, dando destaque a natureza, aos valores terrenos e não mais valorizando o divino, sendo também para alguns estudiosos, como o primeiro livro do que hoje se entende como romance moderno.

Para tanto, cabe um pouco também, uma análise da literatura, mesmo que de maneira breve, para maior e melhor entendimento da mesma, seja lá em que aspecto for. Contudo no que incumbe a parte teórica e metodológica do texto, Valdeci R. Borges nos traz uma melhor compreensão a respeito do que seja a literatura, como um todo, abarcando também o Decameron, pois o mesmo é uma literatura, e uma literatura tem o poder de registrar e expressar os multifacetados aspectos do complexo, diversificado e também conflituoso campo social no qual a mesma se insere e sobre a qual se refere, pois segundo (BORGES, 2010, p. 98) a literatura é “testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir”. O mesmo ainda continua. “Enquanto tal é registro e leitura, interpretação, do que existe e proposição do que pode existir, e aponta a historicidade das experiências de invenção e construção de uma sociedade com todo seu aparato mental e simbólico (BORGES, 2010, p. 98). Ainda nesse sentido, resumidamente,

apesar da obra ser uma literatura, a mesma como qualquer outra obra literária se apresenta como um relato de época, mostrando em suas narrativas, comportamentos, costumes e acontecimentos que caracterizam seu período (1348-1353) através do olhar de seu autor Giovanni Boccaccio. Assim também, quem escreve e porque escreve são elementos importantes a serem observados, pois, são fatores que afetam o pensamento e o redigir do autor.

Ao tentar analisar as novelas, as mulheres e outros elementos da obra e do período de criação da literatura a ser trabalhada, os estudos de Gênero se apresentaram como um bom e precioso alicerce para a compreensão dos fatos narrados nas novelas fictícias presentes no Decameron, como o caso de umas das novelas do décimo e último capítulo, que será aqui analisada. Contudo a perspectiva dos estudos de Gênero poderia e ou poderá soar, para alguns, como uma visão extremamente atual para se falar ou abordar o passado, sendo algo que poderia causar um anacronismo. Entretanto, Marc Bloch já pontuava e falava sobre a importância da construção e a compreensão de um passado pelo presente, em seu clássico Introdução a História, mostrando que uma ciência – A história – não se define apenas pelo seu objeto de estudo, pois segundo o mesmo “os seus limites podem igualmente ser fixados pela própria natureza dos seus métodos. Importa, pois, perguntar se, consoante nos afastemos ou nos aproximemos do presente, as próprias técnicas de investigação não deverão ser tidas por radicalmente diferentes”. (BLOCH, 1965, p. 46).

Nessa perspectiva, o presente trabalho pretende, a partir de uma das novelas e ou histórias do Decameron, mais especificamente a quarta novela da décima e última jornada, (governada por Panfilo), analisar a ideia de necrofilia caracterizada como uma violação corporal e nesse caso específico, do corpo feminino, fazendo-se necessário imbuir-se de estudos sobre o corpo ou os usos do mesmo e de gênero, que segundo (SCOTT, 1989, p. 22,23). “torna-se implicado na concepção e na construção do poder em si”.

Pretende-se também, a partir disso, levantar alguns questionamentos que se fazem relevantes, principalmente em relação ao domínio e o poder de um gênero sobre o outro e até onde o mesmo se estende, verificando os seus possíveis limites e violações dessa relação de poder (como a necrofilia), e o que é caracterizado como tal. Levando em consideração, é claro, o período e contexto histórico no qual se insere.

O CORPO, O SEXO E A MULHER

Ao tratar do corpo e dos estudos a respeito do mesmo, a maioria dos estudos que tratam e que estão relacionados ao tema como os de Peter Burke, Le Goff e Truong, por exemplo, retrata-o de maneira política, abordando seu significado, utilização e representatividade, fator que se diferencia a depender de “quem” os utilize, sendo modificado de acordo com os seus interesses, sendo

representado de várias maneiras, “visto desde a exaltação, até a humilhação e veneração; exercendo, portanto, papéis diferentes nos moldes da sociedade medieval.” (SOUZA, SILVA e OLIVEIRA, 2014, pág. 3).

Sendo em grande parte das vezes visto de maneira ambígua, seja ao longo do tempo, no espaço e na sociedade, o corpo adquire o lugar de um paradoxo. Na idade média, por exemplo, o cristianismo ao mesmo tempo que não deixa de reprimi-lo, o glorifica através do corpo padecente de Cristo, sacralizado na igreja e também corpo místico do mesmo. O corpo é "a abominável roupa da alma", diz o Papa Gregório, o Grande, ao mesmo tempo que também é “tabernáculo do Espírito Santo”, diz Paulo. (LE GOFF, TROUNG ,2006, p. 35). O corpo acaba por adquirir ao longo do tempo, mas principalmente na Idade Média ambiguidades de sentido em quase todos seus aspectos, destacando-se os relacionados a sexualidade e a religião, recaindo sobre o feminino ou ao corpo feminino maior número de duplicidade de sentido.

A partir disso percebe-se essa ambiguidade de sentidos em quase todos os aspectos humanos. Um exemplo dessa duplicidade e paralelo também a essa ideia, principalmente durante as epidemias, destacando-se a peste negra ou bubônica, o corpo também foi visto como tolerante ou padecedor dos pecados, sendo as doenças interpretadas ou representadas de uma forma mais espiritual do que carnal, fazendo do corpo um sofredor da alma. Atrelado a isso, o comportamento, sendo um dos temas mais abordados, observado e estudado de maneira geral, tanto por contemporâneos a Idade Média, como a Igreja e ou clérigos que estavam preocupados em regulamentar, regradar e controlar os corpos através de seus dogmas – tanto por historiadores que estudam o tema – é talvez o que possui mais relevância nessa pesquisa, pois através dele se pode observar, analisar e assim ter uma noção dos limites impostos, conhecendo o que era e o que não era permitido. Com isso, o muito que se pode realmente saber, de certa forma, é quais normas comportamentais eram aceitas e burladas, considerados assim como desvios ou pecados - espirituais e corporais- levando em consideração, claro, as ordens da igreja. Todavia ainda nesse sentido o que se pode afirmar é que as limitações cabíveis aos homens eram mínimas em relação ao das mulheres, mesmo aos de vida cristã (que seguiam e eram obedientes as normas da cristandade).

Com uma reconstrução dos conceitos e práticas corporais e ou comportamentais advindas do cristianismo, o corpo na Idade Média torna-se “o lugar crucial de uma das tensões geradoras da dinâmica do Ocidente” (LE GOFF e TROUNG, 2006, p.31)”. Todavia, essas tensões não se limitavam somente as questões corporais, mas também as questões espirituais, a exemplo da relação dos vivos com os mortos, visto que desde a antiguidade os vivos se ocupavam com os corpos mortos dos membros de suas famílias e as mulheres, em particular é que ficavam responsáveis por levar e preparar os mesmos, para se juntarem ao reino dos mortos, que podiam retornar para atormentar a

alma dos vivos, segundo as lendas. Com o cristianismo isso de certa forma muda, pois se estabelece uma hierarquização entre os mortos e “somente as sepulturas dos santos, danificadas e manipuladas de diferentes maneiras, podiam ser objeto de celebração e veneração. Reza-se para os mortos, é certo, mas com a intercessão de novos heróis, os santos” (LE GOFF, TROUNG, 2006, p.122).

Mostrando, dessa forma, que é a conduta dos vivos que mediará os seus destinos após a morte, podendo ser o céu ou o inferno, como sugere algumas interpretações. Outro exemplo dessas tensões e ou dualidades de sentido em relação ao corpo é de o corpo ser separado entre partes nobres e não nobres, sendo a cabeça e o coração as partes nobres e o ventre, as mãos e o sexo, as partes não nobres, visto que “a cabeça está do lado do espírito; o ventre, do lado da carne. Uma parte má do corpo não sendo, por isso, visto com bons olhos pelos teólogos e, conseqüentemente, pela sociedade” (LE GOFF, TROUNG, 2006, p.76). Cabe também ressaltar o papel da Igreja que durante o medievo, buscou de várias formas codificar, regular e controlar os corpos e os elementos relacionados ao corpo, posto que o corpo se torna de forma paradoxal, o coração da sociedade medieval.

E como sugere Jean-Claude Schmitt, historiador dos gestos do Ocidente medieval, é necessário defender que a partir do século V, a questão do corpo fomentou o conjunto dos aspectos ideológicos e constitucionais da Europa medieval, visto que de um lado, o cristianismo – agora religião do estado – com sua ideologia, reprime o corpo, enquanto de outro, faz do corpo do homem o tabernáculo do espírito santo, com a encarnação de Deus no corpo de Cristo. Fazendo alusão a isso Le Goff e Truong diz que “a Quaresma se abate sobre a vida cotidiana do homem medieval, de outro, o Carnaval se entrega a seus exageros. Sexualidade, trabalho, sonho, formas de vestir, guerra, gesto, riso.” (2006, p.31).

A PROBLEMÁTICA DO SEXO

A sexualidade no âmbito religioso era voltada apenas para a reprodução e não para satisfação dos prazeres carniais, com isso, a Igreja impunha que no momento do ato sexual onde o intuito era a procriação, a mulher não poderia demonstrar prazer e o homem deveria estar sempre sobre a mesma, demonstrando, dessa forma, superioridade por parte dele e submissão por parte dela. Assim, o sexo deveria ser apenas vaginal, visando e objetivando apenas à procriação, estando, a mulher, sempre debaixo do homem e no escuro, para assim, se evitar a visão da nudez e a tentação. Em relação a isso também, o autor Franco Junior comente que:

O sexo oral e sodomita, a magia para atrair o desejo de alguém, as práticas anticonceptivas e abortivas, as relações incestuosas e adúlteras eram pecados duramente castigados: de seis a 15 anos de jejum e de excomunhão, geralmente acompanhados de interdição perpétua de qualquer relação sexual e de casamento. (2001, p. 177 -178)

Dessa maneira, fica claro que a vida sexual nesse período, era ou torna-se, quase que inexistente, onde a virgindade passa a ser um elemento de grande valor, seguindo assim, os modelos de Cristo e sua mãe. Assim, também como a castidade, vista como compensatória por quem já havia pecado e deveria se abster de sexo pelo restante da vida, a vida sexual era possível ao cristão desde que acontecesse numa relação definida e supervisionada, ou seja, através do casamento, além do fato de que, com o casamento, combatia-se outros pecados como o da homossexualidade e bestialidade (sexo entre homem e animal), considerados um dos piores pecados sexuais. As relações sexuais eram também proibidas pela igreja em determinados dias ou épocas do ano (como aos domingos, festas religiosas e na Quaresma) sendo passível de punição caso houvesse transgressão.

Cabe ainda dentro desse bojo, ressaltar que a igreja católica, controlada por homens celibatários, é quem define os atos e pensamentos sexuais como impuros, onde qualquer ideia ou comportamento sexual que seja, é entendido como pecado que exige severos atos de penitência/punição, e mesmo o sexo conjugal – como dito acima –destinado para fins de reprodução, é minimamente tolerável, tornando-se errado/pecado, caso os participantes e/ou conjugues gostem e sintam prazer. Um bom exemplo disso são alguns textos antigos que remetem a vida de monges ou padres do deserto, nos quais são contadas algumas histórias de penitências por pensamentos sexuais, onde, em uma delas, uma mulher é enviada para tentar um monge.

O desejo sexual era combatido a grandes custos pessoais, o mesmo era considerado como uma mancha para a alma e para o período. Contudo, em contra partida a essa visão do período estrita e marcada pelo pecado, há uma visão mais terrena da coisa, onde sacerdotes seduziam as mulheres que lhes confessavam, os nobres mantinham suas amantes e os monges e monjas se envolviam em relações secretas. “Essa visão descarta a igreja e seus ensinamentos repressivos como cheios de hipocrisia e geralmente ignorados pelos medievais, que cuidavam de seus negócios diários com um entusiasmo que desapareceu mais tarde em uma era mais puritana” (Karras, 2017, p. 2). Visão essa que também é apoiada por histórias e autores mais satíricos e humorísticos como Boccaccio, por exemplo.

A QUESTÃO DA MULHER

A mulher ou o corpo feminino visto desde a criação do mundo e do seres – segundo a Bíblia – como algo secundário ao homem, também se torna alvo, se não o principal, dessas tensões expostas a cima, na qual e muitas das vezes é rica em duplicidade de sentidos, sendo durante o período medieval onde podemos perceber um certo crescimento dessas ambiguidades e limitações, também no que diz respeito ao corpo ou ao comportamento feminino, pois durante a Idade Média, a Igreja criara a maior parte dos conceitos e ideias que temos a respeito das mulheres dessa época.

Para eles, a mulher seria um ser próximo da “carne e dos sentidos”, já que os mesmos se baseavam no pecado original, para ligá-las à corporeidade e inferiorizá-las, como mostra o pequeno verbete presente na bíblia.

Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão e este adormeceu. E tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar. E da costela que o Senhor Deus tomou do homem formou uma mulher e trouxe-a a Adão. E disse a Adão: essa é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada. Portanto deixará o varão o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne (Gên., 2, 20-24).

Assim, Eva foi criada da costela de Adão, sendo então controlada pelos sentidos e desejos da carne. Segundo essa visão, acreditava-se que a mulher foi criada com a única função de procriar; essa ideia, baseada na bíblia e disseminada pelos ditos “homens da igreja” foi de fundamental importância para que a mulher fosse cada vez mais contida dentro de padrões, sejam eles sociais ou de comportamento.

No início da Idade Média, por exemplo, uma das preocupações era mantê-las virgens, e afastadas do clero, já que eram consideradas demoníacas e a figura da tentação. Em consequência disso, as mulheres eram vistas como disseminadoras do mal e consideradas como um mal necessário, visto que possuíam a fecundidade e eram responsáveis pelo pecado original, e também pelas formas da tentação do diabo, pois possuíam partes eróticas sexuais, entendidos pelos eclesiásticos, como diabólicas; os mesmos ainda argumentavam que a mulher era bíblicamente condenada por causa do pecado.

A mulher ainda era descrita pelos mesmos como feiticeiras, enganosas, dissimuladas, vingativas, inclinadas ao adultério, ao homicídio, ao assassinio, entre outras características, por isso, segundo os mesmos, os homens tinham o direito e o dever de serem superiores as mulheres. Em paralelo a essa visão e procurando um exemplo feminino de perfeição a ser seguido, a Igreja encontra, então, em Maria (mãe de Cristo) esse ideal comportamental feminino, sendo ela um exemplo perfeito de esposa, mulher e mãe a ser seguido pelas demais.

Assim, a mulher virgem e ideal, seria uma mulher bela e delicada, modelo de beleza divina, seguindo o exemplo de Cristo e sua mãe. Com isso, fazendo uso das mulheres bíblicas, ensinavam que a primeira virtude de uma dama deveria ser a obediência e que a desobediência só causava mal as pessoas, tudo isso com o intuito de manter o controle sobre as mesmas, além disso outras virtudes eram ensinadas as mulheres como, impedir de serem faladeiras, ousadas ou ambiciosas. O casamento era outro mecanismo de controle usado, pois além de combater a homossexualidade que era considerado o pior pecado sexual, pois visava apenas o prazer e não a procriação, a igreja através do casamento, impunha que o corpo da mulher passava a pertencer ao seu esposo, porém sua alma

sempre pertenceria a Deus, devendo obediência a ambos e fidelidade ao marido, estando à mercê da morte caso descumprisse, ao contrário do homem.

A sociedade medieval nutriu uma relação de amor e ódio para com as mulheres, sejam elas as nobres, as camponesas ou as “marcadoras do prazer” – prostitutas – que em grande parte recebiam tratamento diferenciado pela sociedade, sendo muitas delas afastadas das “pessoas de bem”. Esse desprezo e diferenças sociais foram sempre muito fortes quanto às diferenças de sexo, seja pelo tratamento que recebiam ou no modo que deveriam agir, no privado ou em sociedade, em tudo a mulher era considerada naturalmente “inferior”.

Os homens possuíam todos os direitos possíveis, diferentemente das mulheres; até mesmo as guerreiras que inspiravam simpatia à sociedade. De maneira geral podemos notar a participação das mulheres em diferentes situações e condições dependendo da sua condição e grupo social a que pertenciam. Contudo, como já foi exposto, a mesma sempre foi vista, principalmente aos olhos da Igreja, como uma pecadora que sempre deveria ser oprimida devido sua escolha, já que a mesma era comparada a primeira, Eva. Tendo em vista essa crença, a igreja deixava a mulher em condição submissa perante a sociedade, sobretudo a masculina. Podemos dizer que mesmo sendo consideradas como um objeto de prazer, medo e luxúria, quase sempre vistas ou postas de modo geral, numa balança entre santa ou depravada, as mulheres ganharam seu espaço na sociedade tendo em vista os seus diversos papéis e ainda assim as mesmas ainda tinham e tiveram de ver suas histórias e vivências relatadas por homens que na maioria das vezes eram religiosos como escreve Duby, posto que:

todos os discursos que chegam até mim e sobre os quais me informo são feitos por homens, convencidos da superioridade de seu sexo. É apenas a eles que ouço. No entanto, eu os escuto falando antes de tudo de seu desejo e, por consequência, das mulheres. Eles têm medo delas e, para se afirmarem, desprezam-nas” (1989, p. 6)

Dando continuidade, porém, não deixando de fazer uma certa recapitalização a respeito do texto em si, vale ressaltar que falar sobre corpo, sexo e mulher no medievo se faz mais que necessário levando em consideração o tema trabalhado nesse texto. Todavia, através desse tópico pretendeu-se apenas trazer algo de caráter esclarecedor e ou complementar para o melhor entendimento do presente trabalho, pois como já é sabido o tema principal é A violação do corpo feminino no Decamerão, presente em um de seus contos já exposto nesse mesmo texto logo em sua introdução, entendendo-se como “violação” o ato de necrofilia presente na quarta novela da décima e última jornada da presente obra.

BOCCACCIO E SEU TEMPO: VIDA E OBRA

Tratando agora um pouco mais sobre a contextualização da fonte em questão, necessária não só para a boa estruturação do texto mas também para a abordagem do assunto principal em voga –

A violação do corpo feminino no Decameron – a vida e também contexto histórico no qual o erudito Geovani Boccaccio se insere, se fazem necessárias dentro desse texto, para além da apresentação e ou simples citação de sua obra, o *Decameron*, que é a principal fonte dessa pesquisa, colaborando também para um melhor entendimento sobre o todo.

Boccaccio nasceu no ano 1313 entre junho e julho na Península Itálica e segundo Enzo Orlandi, responsável pela biografia do mesmo, o erudito passou a infância em Florença, no bairro de S. Pier Maggiore. Sendo filho de mãe desconhecida foi reconhecido pelo seu pai, que era o mercador Boccaccio di Chelino, também apelidado de Boccaccino, funcionário dos Bardi que eram banqueiros de Florença. Boccaccio e sua família estava inserida na pequena burguesia agrária de Certaldo, que pertencia ao condado de Florença, e estimasse que no final do século XIII, a família de Boccaccio migrou com o objetivo de entrar para a atividade mercantil, que entre os séculos XIII e XIV, teve grande desenvolvimento sobre a sociedade toscana.

Já na década de 1310, o pai e o tio de Boccaccio aumentaram seu campo de atuação em relação a circulação econômica para o comércio europeu e posteriormente, a família do mesmo adquiriu cidadania florentina, onde di Chelino – pai de Boccaccio – exercia suas atividades entre Florença e Paris, cidades nas quais havia a confluência das atividades bancárias e comerciais da Europa. Além disso, associados à importante companhia dos Bardi, que com os Acciaiuoli e os Peruzzi, tinham monopolizado os negócios financeiros de Nápoles, a família – incluindo o próprio Boccaccio – viveram as repercussões, tanto positivas quanto negativas, das atividades comerciais que entraram em crise no século XIV, dessa forma, a vida de Boccaccio, seu nascimento, infância e juventude estiveram intrinsecamente relacionadas à atividade comercial.

Sabe-se que entre os seis e treze anos de idade, Boccaccio viveu em Florença e durante esse período o mesmo já obteve noções de escrita e leitura, e assim, foi estudar com Giovanni di Domenico Mazzuoli da Strada, obtendo noções de história romana e mitologia. O mesmo também aprendeu o Trivium (gramática, dialética e retórica) e, por volta de onze anos, o mesmo já sabia calcular. Durante esse tempo também se supõe que o mesmo tenha tido contato com alguma obra de Dante, um autor com uma personalidade presente na família de Boccaccio, uma vez que sua madrastra era parente da família de Beatrice (Beatriz Portinari) – suposta figura histórica que inspirou a personagem Beatriz, de Dante; de qualquer maneira Boccaccio tomou conhecimento de Dante.

Posteriormente, por volta dos quatorze anos, tornou-se discípulo na atividade mercantil e durante esse período de aprendizado comercial, iniciado em Florença, Boccaccio se mudou para Nápoles. Boccaccio se mudou para essa cidade em algum momento entre o verão e o outono de 1327, junto com seu pai, e nesse tempo já mostrava o gosto pela literatura. Sabe-se também que entre 1327 e 1341, a vida de Boccaccio se desenvolveu próximo ao Castel Nuovo, castelo que tinha sido alargado

e embelezado pelo rei Roberto, na região de Portanova, onde se concentravam as atividades comerciais e bancárias.

Devido ao seu aprendizado e contato com estrangeiros florentinos, Boccaccio entrou em contato com vários tipos de pessoas, de todas as camadas da sociedade, de variadas regiões e reinos, tanto do ocidente quanto do oriente. Todavia devido a prestigiada posição de seu pai na comuna florentina, e também sendo uma das autoridades das finanças na corte, Boccaccio mantinha mais relações com a classe mais alta dos mercadores e dos cortesãos da nobreza e burguesia de Nápoles, sendo também nesse espaço/ambiente que Boccaccio tornou-se um indivíduo sensível às mudanças pelas quais a cidade que tanto estimava passou, fazendo com que o mesmo obtivesse um grande conhecimento sobre os seres humanos, um grande poder de observação e também de narração.

Já entre os anos de 1340 e 1341 acredita-se que Boccaccio tenha retornado a Florença devido, em partes, pela mudança da situação de sua família que passava por dificuldades financeiras no contexto da guerra. Além disso, a relação entre os banqueiros florentinos e a corte de Anjou haviam se modificado pois, mesmo antes da chegada da peste negra, em 1347, a economia da península tinha sido atingida por falências, crise essa, que estavam relacionadas à guerra dos Cem Anos (1337-1453), onde a Inglaterra obteve o financiamento das companhias dos Bardi e dos Peruzzi para lutar contra a França, fazendo com que as derrotas do rei inglês, Eduardo III, fizessem com que ele suspendesse o pagamento das dívidas, levando essas companhias à falência, os Peruzzi em 1343 e os Bardi, em 1346. Tal crise fez com que todas as outras companhias florentinas, que tinham funções de banco, fossem arruinadas, revelando, segundo (ALMEIDA 2009, p. 29) que “os empréstimos dados aos príncipes e reis, que podiam suspender o pagamento dos juros e da dívida, tinham sido excessivos e não possuíam garantias”. sobre isso Zattera também comenta:

A companhia dos Bardi expusera-se em demasia ao amparar Eduardo III, empenhado na Guerra dos Cem Anos, que por sua vez não conseguia quitar todas as suas dívidas. A Inglaterra obteve financiamento da companhia dos Bardi e dos Peruzzi para lutar contra a França. As derrotas de Eduardo III fizeram com que ele suspendesse o pagamento de suas dívidas, levando a companhia à falência, o que fez com que todas as outras companhias florentinas que tinham função de banco fossem arruinadas. (2014, p.14)

Em 1348, ano no qual Florença é atingida pela peste, Boccaccio dá início ao *Decameron*, obra que se debruçará, acredita-se, até 1355, provavelmente em Nápoles onde se refugia devido a peste bubônica, assim como muitos outros que fugiam para lugares mais seguros. Dois anos depois – em 1350 - Boccaccio conhece Petrarca (1304-1374) indivíduo que causa grande impacto, tanto na vida como também em sua obra, pois além de estabelecerem uma sólida amizade o encontro leva a um aprofundamento dos estudos humanísticos por parte de Boccaccio. Sobre os últimos meses de vida do autor, o pouco que se sabe é que dentre dezembro de 1373 e janeiro de 1374, os problemas de

saúde de Boccaccio voltaram e se agravaram e após receber a notícia da morte de Petrarca, no final de julho, o mesmo volta para a cidade de Certaldo, na Itália, onde permanece trabalhando na Genealogia Deorum Gentilium até sua morte em 21 de dezembro de 1375, sendo sepultado na igreja dos Santi Michele e Iacopo.

O DECAMERON

A literatura de Giovanni Boccaccio “Decamerão” que significa em grego, dez dias ou “Príncipe Galeotto” como também é conhecida, é criada entre 1348 -1353, sendo composta por dez capítulos e cem novelas, nas quais se aborda diferentes temáticas contadas pelos principais personagens e componentes da Brigata (Pampineia, Elissa, Emilia, Fiammetta, Neifile, Filomena, Lauretta, Dioneio, Panfilo e Filostrato), como o pecado, a astúcia, a virtude, a religião, a inteligência e outros temas tidos como louváveis para o período mas que também, em alguns casos, serviam para a sátira.

Como dito acima, anterior ao período de crise em que Boccaccio viveu, a economia da península já havia sido atingida por falências, em maior parte devido à Guerra dos Cem Anos (1337-1453), além disso, o mesmo destaca que a peste foi bastante violenta, pois, no período correspondente a março a julho de 1348, “mais de 100 000 pessoas foram arrebatadas da vida, no circuito dos muros na cidade de Florença.” (ZATTERA, 2014, p.23).

Esses acontecimentos obviamente influenciaram de maneira muito profunda a vida de Giovanni, e conseqüentemente também a produção do *Decameron*, que é iniciada narrando algumas das conseqüências da peste no cenário italiano. Após essa descrição do cotidiano florentino o autor dá início a história, que se inicia numa terça-feira, na venerável Igreja de Santa Maria Novella, onde estavam reunidas sete jovens mulheres, ligadas de certa forma umas às outras, seja por amizade, vizinhança ou parentesco, como ressalta o autor. Todas bastante compostas e pertencentes a nobreza. Eram elas: *Pampinéia, Fiammetta, Filomena, Emília, Laurinha, Neífle e Elissa*. Logo:

Enquanto a cidade de Florença explode em degradação física e moral causada pela peste negra, dez jovens retiram-se para uma vila distante onde, entre prazeres amenos e poesia, praticam a alta moralidade. Como centro de suas atividades, contam dez histórias diariamente, durante dez dias. Toda a vida humana, com seus desencontros, sentimentos, morte e superação, é ali narrada, como num afresco. Vai-se da degradação à elevação. (BARRIEL, 2013, p.1).

É *Pampinéia* então, sendo a mais velhas entre as demais que é a primeira a afirmar para as outras que naquele momento, todas tinham o direito de adotarem medidas que estivessem ao alcance para a preservação de suas vidas, assim, no dia seguinte, as sete juntamente com *Pânfilo, Filóstrato e Dioneu*, rapazes que haviam encontrado também na igreja e que tinham paixão por três delas,

partiram juntos na companhia de alguns criados para um palácio abandonado, em uma região distante, com a intenção de se salvarem da pestilência e de, ainda que brevemente, esquecerem das tristezas que os haviam atingindo. Para manter a organização do grupo, fica combinado então, que enquanto permanecessem no local, a cada dia, um deles seria o chefe e ou líder do grupo, denominados rainhas e reis. De maneira unanime, *Pampinéia* foi escolhida como a rainha do primeiro dia e assim *Filomena* fez uma guirlanda de louros e a colocou sobre a cabeça de *Pampinéia*, que foi coroada.

Com o objetivo de se entreterem, a então rainha propôs ao restante da brigata que cada um, enquanto estivessem sentados à sombra de uma árvore, contassem uma história para os demais membros do grupo e em seguida, fariam o que desejassem como, dançar e cantar – ideia essa que foi seguida e realizada enquanto permaneceram no castelo ao longo dos dez dias –. Já a partir da segunda jornada, cuja rainha era *Filomena*, as novelas passaram a ser relacionadas a um tema específico pela rainha ou pelo rei, porém, na jornada IX a rainha *Emília* determinou que o tema fosse livre, assim, apenas as jornadas I e IX não tiveram um tema determinado.

A obra em si, segundo alguns estudiosos, está dívida e ou agrupada em temas de acordo com o sentido poético interior de cada novela. Nesse sentido (ALMEIDA, 2009) em sua dissertação de mestrado, nos mostra que Francesco Flora, dividi as novelas em novelas de instinto e vitalidade e novelas sobre a perspicácia humana, a virtude, o valor e a liberalidade, comportando suas subdivisões. Outros estudos e produções também dividem o *Decameron* em temas com maior presença nas brigatas e em toda a obra, a exemplo da fortuna, que constitui junto com o amor e a inteligência os temas que regem a obra, “No Decamerão, a fortuna é vista como cíclica e imprevisível” (ALMEIDA, 2009, p.110). A esse respeito disso, é também especulado que possivelmente a base moral do Decameron seja a natureza, pois os próprios membros da brigata falam sobre isso, um exemplo disso, é a fala de *Neifile* na oitava novela, da IV jornada, na qual ela diz:

Nobres mulheres: segundo penso, há pessoas que imaginam saber mais que as demais, quando, na verdade, sabem menos; assim, não contrariam apenas os conselhos das pessoas de bom senso, porém também acham que podem opor, à natureza das coisas, as próprias convicções. De tal presunção, já surgiram males enormes, nenhum bem, contudo, ela trouxe. De todas as coisas naturais, aquela que menos aceita conselho, e menos tolera atos contrários, é o Amor; a natureza do amor é tal, que êle prefere gastar-se por si próprio, a ser desmanchado pelo conselho de quem quer que seja. (BOCCACCIO. 1971, p. 248).

Para além desses temas outros também se destacam ao longo da obra, por serem bastante abordados, como as de cunho erótico, por exemplo. Na obra, o sexo é retratado de forma diferente do amor e os mesmos não estão vinculados estando o sexo relacionado à luxúria e à astúcia, e por mais que as vezes se aparente, não há nenhum envolvimento sexual entre os membros da brigata. Todavia, esse tema é recorrente pois para obter prazer homens, padres, mulheres e freiras enganavam e

utilizavam de todo seu engenho. Um caso recorrente nas novelas é a da mulher que, não satisfeita com seu marido, busca sexo fora do casamento, havendo em tais acontecimentos uma intrínseca relação com o vivido. Pois como se sabe, conhece-se a origem da maior parte das cem novelas contidas no *Decameron*, maioria essa proveniente das traduções de diversas regiões enquanto as outras são originadas de autores daquela época ou de escritores antigos e os que não tiveram sua procedência encontrada, foram posteriormente localizadas em outros escritores e/ou na tradição oral. A respeito disso (ALMEIDA, 2009, p.109) fala que “assim, nenhuma novela é completamente original. Na verdade, todos os textos têm relações com textos que o precedem. Ser original não significa não ter ligações com obras anteriores.

Outro tema recorrente é astúcia e a sagacidade, palavras do mesmo campo semântico que estão relacionadas à capacidade intelectual – a inteligência – que engendram quinze das trinta e quatro reações de louvor são reações expressas pela brigada como um todo, uma, pelas figuras femininas, e outra, por apenas uma representação masculina, representada por *Dioneo*. Além disso, ressalta (ALMEIDA, 2009, p.109) que “nas quinze reações de louvor, oito são louvores à inteligência de personagens femininas e sete dizem respeito a personagens masculinas. Na novela I, 5, Fiammetta alude às novelas 3 e 4, nas quais, utilizando as palavras exatas, os personagens conseguem se livrar de problemas”.

O *Decameron* é a principal obra de Boccaccio, e é considerada também, além de um marco literário, umas das principais fontes a respeito da peste que devastou a Península Itálica no período final da Idade Média. Através dela podemos contemplar como Florença foi atingida pela peste, as implicações sociais e cotidianas desse e de outros aspectos que marcaram o momento.

QUARTA NOVELA, X JORNADA:

Finalizada a história anterior que contava a história de *Mitrídanês*³, que por invejar a fama de *Natan* – devido sua cordialidade e gentileza – tenta matá-lo, e que, ao se deparar com o mesmo num bosque – indicado pelo próprio *Natan* –, que escondera sua própria identidade ao instruir a como *Mitrídanês* deveria proceder, envergonha-se do ato e assim torna-se amigo do mesmo; a brigada dá início a quarta novela da décima e última jornada e ou capítulo do *Decameron*, novela na qual será abordada o tema e principal discussão produção textual, que é a violação do corpo feminino.

Liderada por *Pânfilo* e contada por *Lauretta* abordando como tema principal o elogio a magnificência, a mesma dá início a história de *Messer Gentile de' Carisendi* ou Senhor Gentil de

³ terceira novela da 10ª e última jornada do *Decameron*

Carisendi, que chegando da cidade de Módena, tira da sepultura sua “amada” que fora dada e posta como morta; esta, porém, depois de restabelecida, dá à luz a um filho e o senhor *Gentil* à restitui junto com seu filho ao seu marido, *Niccoluccio Caccianimico*. Assim houve em Bolonha, nobilíssima cidade da Lombardia, um cavaleiro muito nobre e virtuoso chamado *Gentil de’ Carisendi*, que tinha se apaixonado por uma jovem chamada Catalina, que era casada com *Niccoluccio Caccianimico*. Quase desesperado e sofrendo muito por esse amor não correspondido, *Gentil* viaja para Modena onde é nomeado podestade. *Catalina*, que estava grávida, foi para uma propriedade rural que ficava nas cercanias da cidade e, nessa propriedade, sofreu um grave acidente. Estando seu marido ausente e não tendo mais ninguém, foi dada como morta pelo médico devido a gravidade do acidente e como há muito tempo não estava grávida, enterraram-na em uma sepultura de uma igreja nas cercanias do lugar.

Sabendo do ocorrido, o senhor *Gentil* chorou muito e decidiu que, conseguiria um beijo de *Catalina*, mesmo estando morta. Assim, viajou sem ninguém saber e chegando ao local na qual estava enterrada sua amada, logo entra no túmulo e deita-se ao lado do corpo e em prantos, há beija inúmeras vezes. Ainda não satisfeito, ao sair do túmulo o senhor *Gentil* decide tocar os seios dela e mantendo a sua mão sobre os seios de *Catalina* por um certo tempo, percebe que seu coração ainda pulsava levemente e assim se convence de que ela, *Catalina*, estaria viva, então com a ajuda de um criado, a tira do túmulo e, em segredo, à leva para a sua própria casa em Bolonha onde também vivia com a sua mãe, senhora sábia e de grande valor.

Depois de ouvir o seu filho, a senhora tem muita piedade da jovem e então busca reanima-la com calor e banhos. *Catalina* então, após recobrar os sentidos e descobrir através do senhor *Gentil* sobre como chagará até ali, pedi ao mesmo para que não aconteça nada com ela na casa dele que, depois, manchasse sua honra e a do seu marido, solicitando em paralelo sua volta para casa. *Gentil*, ouvindo isso a informa que a trataria como uma irmã e pedi-lhe assim uma recompensa por ter salvo a sua vida, *Catalina* responde que faria o que ele desejasse desde que estivesse ao seu alcance e fosse de caráter honesto, sendo assim o senhor *Gentil* pedi para que ela fique em sua casa junto com sua mãe até que ele volte da cidade de Módena e que ao retornar, em uma cerimônia solene, iria entregá-la ao marido *Niccoluccio Caccianimico*. Como o pedido era honesto e ela não tinha outra opção ha não ser a de aceitar, assim concordou. Logo após isso, *Catalina* entra em trabalho de parto e dá à luz a um menino.

Após cumprir suas funções em Módena, *Gentil* manda que seja realizado, no dia de sua chegada a Bolonha, um banquete em sua casa e para o mesmo, convida os nobres de Bolonha, e entre eles, o senhor *Niccoluccio*. Tendo combinado tudo o que faria com *Catalina*, que estava, agora, mais

bela e saudável do que nunca e cujo filho estava com boa saúde; durante o banquete, o senhor *Gentil* mandou que fossem servidos muitos pratos aos convidados e, ao final, os questionou dizendo:

Digamos que alguém tenha em casa um bom e fidelíssimo servidor, e que este fique gravemente doente; essa pessoa, sem esperar o fim do criado doente, manda que o ponham no meio da rua, sem lhe dispensar mais cuidados; passa um estranho, fica condoído, leva o doente para casa e com grande solicitude e gastos restitui-lhe a saúde. Eu gostaria de saber agora se o primeiro senhor tem o direito de queixar-se ou de reclamar do segundo se este conservar o criado e usar seus serviços e não quiser devolvê-lo caso o primeiro a peça de volta. (BOCCACCIO. 2013, p.621)

Os convidados se puseram a pensar e representados pelo marido de *Catalina*, responderam que o primeiro senhor não tinha nenhum direito sobre o criado. O senhor *Gentil* contente com a resposta, principalmente pelo fato de ter sido dada pelo marido de *Catalina*, pediu para os criados chamarem *Catalina*, que tinha sido vestida com roupas luxuosas. Ela, com o filho nos braços, vai para a sala do banquete onde os convidados a observaram de forma mais minuciosa, achando que seria *Catalina*, caso ela não estivesse morta. Após *Gentil* sair da sala, *Niccoluccio* assim como os outros, se aproximam e começaram a fazer perguntas, mas não são respondidos pela mesma.

Tendo voltado, o senhor *Gentil* diz que ela era o criado abandonado citado no questionamento feito anteriormente e que ele a tinha ressuscitado da morte. Em seguida, contou-lhes tudo o que havia ocorrido e manteve, conforme eles tinham respondido, que ela, agora, lhe pertencia. Enquanto todos choravam, *Gentil* levantou-se, pegou o menino e as mãos de *Catalina* e se dirigiu ao marido *Niccoluccio*, assim o informando que tinha batizado a criança com o nome de *Gentil* e que sua esposa *Catalina* tinha vivido tão honestamente em sua casa como tinha vivido com o seu marido. Este estando muito feliz, agradeceu ao senhor *Gentil*, que agora era padrinho do seu filho em meio aos elogios que todos faziam a forma de o senhor *Gentil* proceder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda tratando da finalização do conto do *Decameron* e também dando início as considerações finais desse texto, cito aqui um trecho final do conto de *Messer Gentile de' Carisendi* abordado no tópico anterior.

Que dirão as benevolentes senhoras? Acharão que um rei que deu o cetro e a coroa, um abade que, sem nada gastar, reconciliou um malfeitor e o papa ou um velho que pôs o pescoço ao alcance do cutelo do inimigo podem ser equiparados a Messer Gentile naquilo que ele fez? Porque ele, sendo jovem e ardente, achando ter direito àquilo que por displicência alheia tinha sido jogado fora e que, por sorte, ele recolhera, não só temperou com honestidade o seu ardor como também restituiu generosamente, quando já o tinha, aquilo que ele costumava desejar e se empenhava em roubar. Sem dúvida, nenhuma das histórias já contadas me parece semelhante a esta. (BOCCACCIO, 2013, p.623)

Assim é finalizada a história aqui mostrada e contada, que a priori parece – e a mim também pareceu – uma simples história de gentileza e bondade do senhor *Gentil* para com *Catalina*, há não ser, diga-se de passagem, pelo já premeditado ato realizado por *Gentil* em *Catalina*, motivados pelo seu desejo e paixão acumuladas pela saudade e não correspondência da mesma para com ele, no momento em que chega ao então velório e ou sepultamento da mesma:

– Pois bem, madonna *Catalina* está morta; enquanto viveu, nunca consegui um único olhar seu; por isso, agora que não poderá defender- se, preciso roubar-lhe pelo menos um beijo, assim morta como está. (BOCACCIO, Giovanni, 1971, pág. 520)

Como descrito acima, *Gentil* mesmo ciente do estado de *Catalina* ainda pretende dar continuidade ao seu desejo, já que em vida o mesmo não obteria o mesmo resultado e nem seria correspondido, como mostra a seguinte passagem:

[...] Sendo já noite, preparou tudo de tal maneira que sua viagem deveria ficar em segredo; montou a cavalo, e logo em seguida se pôs em marcha, com seu criado; sem parar em nenhum lugar, chegou, por fim, ao local onde a mulher fora enterrada. Ali, abriu o tumulo; entrou em seu interior, com muito cuidado; deitou-se ao lado do corpo dela; encostou o seu rosto ao rosto da morta; e, chorando abundantes lágrimas, com muita frequência o beijou. Vemos, contudo, que o apetite do ser humano não se contenta dentro de nenhum limite; deseja sempre ultrapassar o ponto em que se encontra; e isto se dá, sobretudo, com o apetite de carinho daqueles que amam. Dêste modo, quando o senhor *Gentil* resolveu sair do interior do túmulo, murmurou a si mesmo: “Diabo! Por que razão eu não a toco, já que estou aqui, e não lhe coloco a mão no seio? É verdade que já mais terei oportunidade de lhe tocar o corpo, como, afinal de contas, jamais lhe toquei”. Portanto, vencido pelo tal apetite, o Senhor *Gentil* colocou a mão no seio da mulher morta, mantendo-a ali por certo tempo; e, mantendo-a ali, teve a impressão de perceber, ainda que muito leve, que o coração dela pulsava. (BOCACCIO, 1971, p. 520)

Tais atos realizados pelo mesmo, tanto os beijos como toque nos seios de *Catalina*, para ser mais específico, não foram consentidos pela mesma, além do fato de que ela – *Catalina* – estar desacordada. E é aí onde se localiza o ponto da discussão e do tema desse texto – a violação do corpo Feminino – pois além do ato do beijo e do toque, engloba-se também as circunstâncias na qual os mesmos foram realizados.

Em épocas atuais – e aqui, agora faço uma certa comparação com a atualidade – o toque foge à normalidade: 1 – Porque *Catalina* está desacordada e aparentemente morta, 2- o ato do toque não foi permitido em momento algum e 3- o local do toque sendo nos seios de *Catalina* torna o ato ainda mais censurado, depravado e desaprovado, mesmo sendo devido ao toque, que *Gentil*, consegue perceber-la viva e assim salva-la de uma morte precoce. Em relação a isso, no que diz respeito aos limites da e na sexualidade no medievo a divisão ou maneira de descrever é simples, pois se limita apenas entre o que era e o que não era permitido pela igreja católica, havendo sempre suas categorias, como a prostituição, tratada como um “mal necessário” e outros. Mas qual eram realmente os limites

existentes em relação a sexualidade como um todo? quais os limites sexuais a respeito das mulheres e não para as mulheres? A mudança de palavras é simples, mas mostra o quão profunda talvez seja essa problemática, pois os limites que são impostos as mesmas, como já sabemos, eram vários, mas qual os limites que protegiam as mesmas? Ou quais eram os limites que proporcionavam a mesmas ao menos o conforto de uma morte ou sepultamento tranquilo? Já que, como é mostrado na história descrita a cima, do Decameron, não há esse limite ou conforto.

Até onde iria o poder simbólico ou não do homem e da sociedade em relação as mulheres e ao corpo delas? Essas perguntas talvez ainda não tenham respostas, pelo menos não para todas. Contudo há algumas que podem ser debatidas. E em relação a isso chamo a atenção para o ato em geral que se caracteriza como necrofilia, já que o senhor *Gentil* importuna e abusa de *Catalina* ao se aproveitar de seu estado de inércia.

Dito isso é importante lembrar que apesar de se tratar de uma literatura, a obra de Geovanni Boccaccio – Decameron – traz e mostra elementos reais de sua época, para além dos da Peste, englobando elementos e personagens reais que fizeram parte de seu contexto e vivência. Sendo assim, apesar de fictícia, a história e ou novela abordada a cima nos dá um vislumbre da sociedade tardio medieval, e que graças a um olhar mais atento as entrelinhas da história se percebe a problemática envolvendo o corpo de maneira geral e mais especificamente o corpo feminino e quais seriam, caso houvesse (e essa produção pretende ao menos explicar exatamente essa questão) os limites existentes que corroborariam para a realização de atos como os do senhor *Gentil* em *Catalina*.

A história do senhor *de Messer Gentile de' Carisendi* pode realmente – e é, em partes – para alguns, ressoar como uma história de louvor a magnificência, devido aos seus atos de benevolência, porém com uma leitura e olhar mais atentos fica claro que tais atos são apenas realizados, devido aos seus primeiros intentos para com ela não terem sido realizados de maneira completa, pois como dito no próprio texto. “Vemos, contudo, que o apetite do ser humano não se contenta dentro de nenhum limite; deseja sempre ultrapassar o ponto em que se encontra; e isto se dá, sobretudo, com o apetite de carinho daqueles que amam” (BOCACCIO, 1971, p.520).

O amor é outro elemento que merece um certo destaque nesse contexto, pois para alguns, esse foi o motivo que levou ao senhor *Gentil* a cometer tais atos, além claro, de seus desejos não correspondidos, porém – e aqui deixo outro questionamento– o amor é motivo e ou desculpa para tais atitudes? uns diriam que sim, outros que não, há depender de que tipo de amor estivéssemos falando, todavia a título de conclusão reafirmo que este artigo não pretendeu e nem conseguiria devido à escassez de produção a respeito dessa temática – necrofilia- responder aos questionamentos elencados, que serviram mais como uma provocação para possíveis futuras respostas em outras produções que abordem o tema. Por hora o que fica evidente é que esses limites sociais, caso existam,

e possivelmente existam, foram nitidamente ultrapassados e ainda são caso trouxéssemos a discussão para a atualidade, pois como já é sabido, o ato ocorrido na história do Decameron é comum também ainda nos dias atuais que apresentam acontecimentos de mesma proporção, seja a necrofilia – tipo de violação mais específica que caracteriza-se pela excitação e ou prática sexual com cadáveres onde aproveita-se sexualmente do corpo morto –, ou outros tipos de violação.

FONTES

BOCCACCIO, G. *Decamerão*. Trad. de Torriere Guimarães. São Paulo: Abril, 1971. BOCCACCIO, Giovanni. *Decameron*. Tradução Ivone C. Benedetti. – 1. ed. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Carolina Lima. *A exemplaridade nas representações do feminino no final da Idade Média – o exemplo do Decamerão e do De mulieribus claris de Boccaccio (Florença – século XIV)*. Dissertação (Pós graduação em História social e da cultura) -Centro de estudos gerais, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou O ofício de Historiador*. Tradução: André Telles –Rio de Janeiro: Ed Zahar Editor Ltda, 2002.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade média: nascimento do ocidente*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Brasiliense, 2001.

LEAL, Larissa do Socorro Martins. As várias faces da mulher no medievo. *Web Revista Linguagem, Educação e Memória*, Mato Grosso do Sul, v. 3, n. 3, p. 23-44, 2012.

KARRAS, Ruth Mazo. *Sexuality in Medieval Europe: doing to others*. third edition/Routledge: Nova York, NY, 2017.

MARQUES, Ana Maria. *Feminismos e gênero: uma abordagem histórica*. Revista Trilhas da História. Três Lagoas, v.4, nº8 jan-jun, 2015.

PEDRO, Joana Maria. *Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica*. 2006, v.24, N.1, P.77-98. Artigo (apresentado como conferência no evento: III Seminário Educação e Gênero e II Seminário sobre Infância) Departamento de História – Universidade Federal de Santa Catarina, São Paulo, 2006.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 17(1): 159-189, janeiro-abril/2009.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, Desvio e Danação: As minorias na Idade Média*. Jorge Zahar Editor Ltda, Rio de Janeiro, RJ, 2013.

- ROIZ, Diogo da Silva. *O corpo no Ocidente Medieval: Uma história do corpo na Idade Média*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 18(2): 607-623. UEMS, 2010.
- _____. *A história do corpo feminino e masculino no ocidente medieval*. UEMS, Campus de Amambaí, 2009.
- SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras. 1999.
- SCOTT, Joan. *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press. 1989. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila.
- SICUTERI, Roberto. *Lilith: a Lua Negra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- SILVA, Luiz Alberto Ruiz, SANTOS, Maria de Lourdes, MEDEIROS, Marcia Maria. O Corpo na idade média: Alguns apontamentos. *Revista NUPEM*, Campo Mourão, v. 9, n. 16, p. 105-115, jan./abr. 2017.
- SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão. Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de História Medieval no Brasil (1990-2003). *Caderno Espaço Feminino*, v. 11, n. 14, jan./jul. 2004.
- SOUZA, Maria Oliveira, SILVA, Franciele Marcelino, OLIVEIRA, Valéria Maria Santana. *O Corpo na Idade Média: entre representações e sexualidade*. Instituto histórico e geográfico de Sergipe, 2014.
- TILLY, Louise A. Gênero, História das mulheres e História Social. *Caderno Pagu*, V. 3, p. 29 – 62. Traduzido por Ricardo Augusto Vieira, Unicamp, 1994. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/>> Último acesso: 12/09/2021
- TRUONG, Nicolas e LE GOFF, Jacques. *Uma história do corpo na Idade Média*. tradução Marcos Flamínio Peres; revisão técnica Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- VARIKAS, Eleni. Gênero Experiência e Subjetividade: A propósito do desacordo Tilly- Scott. Tradução de Ricardo Augusto Vieira. *Cadernos Pagu*, p. 63-84. Unicamp 1993.
- ZATTERA, Amanda Cristina. *Uma Análise Histórica Sobre o Decameron de Giovanni Boccaccio (1313-1375): Riso e Regeneração*. Monografia (Graduação em História) m- Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014.